

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DO CAMPO E TECNOLOGIAS DIGITAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFMG.**

Iolanda C. Rodrigues<sup>1</sup>, Jeane S. da Paixão<sup>2</sup>, Judite B. de Jesus<sup>2</sup>, Juliana A. Pereira<sup>1</sup>,  
Valter G. Prates<sup>1</sup>, Álida A. Alves Leal<sup>3</sup>

1. Estudante de Licenciatura em Educ. do Campo e Bolsista PIBID (CVN) – LECampo/FaE/UFMG
2. Estudante de Licenciatura em Educ. do Campo e Bolsista PIBID (CSH) – LECampo/FaE/UFMG
3. Docente FaE/UFMG - Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino / Orientadora

### **Resumo:**

O trabalho tem como objetivo geral elencar desafios e possibilidades do uso de tecnologias digitais a partir de uma experiência de produção de narrativas audiovisuais por estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (LECampo/FaE/UFMG). A metodologia consistiu na análise de 27 (vinte e sete) vídeos e relatórios produzidos pelos/as educandos/as, material cujo conteúdo foi sistematizado, categorizado e analisado. Quanto aos limites, observam-se impactos da desigualdade digital no país no que tange aos povos do campo, com destaque para a “nova exclusão digital” (Radfahrer, 2015). Constata-se a necessidade de avanços na formação de docentes do campo quanto à sua formação estética audiovisual mais ampla, aspecto ainda relativamente pouco desenvolvido. Enquanto possibilidades, nota-se que o trabalho revela aquilo que é central na construção da Educação do Campo que queremos: a valorização do território camponês.

**Autorização legal:** Pesquisa registrada no Comitê de Ética na Pesquisa – COEP/UFMG (55561916.0.0000.5149).

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Tecnologias de Informação e Comunicação; Formação de educadores/as do campo.

### **Introdução:**

Embora esteja dentro da média mundial no que tange ao acesso às Tecnologias da Informação e da Comunidade, o Brasil é considerado um país com altas taxas de desigualdade digital, o que corresponde a distinções internas dentro de seu território que, em grande medida, podem ser constatadas a partir da diferença de conectividade observada no campo e na cidade, por exemplo. Neste contexto, pensando especificamente o campo brasileiro, nota-se elevada precariedade no acesso, na qualidade e, especialmente, na lida com as tecnologias por suas populações, o que revela ser cada vez mais pungente a

necessidade da luta por políticas públicas de inclusão digital para esses territórios. Pode-se conjecturar que, neste contexto, a escola assume relativa centralidade e, junto com ela, uma formação de docentes do campo que possibilite construir, por meio do trabalho com as tecnologias digitais, o protagonismo dos sujeitos camponeses.

Considerando a importância da temática em pauta e partindo de uma experiência de produção de narrativas audiovisuais por estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (LECampo/ FaE/UFMG), este trabalho tem como objetivo geral identificar e compreender desafios e possibilidades do uso de tecnologias digitais no processo de formação de futuros/as professores/as do campo.

### **Metodologia:**

A fim de contextualizar os procedimentos metodológicos escolhidos para a realização deste estudo, é preciso indicar que o curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG, pioneiro no Brasil, teve início em 2005 como um Projeto Experimental chamado “Pedagogia da Terra”. A partir de 2009, tornou-se regular, passando a se chamar Licenciatura em Educação do Campo (LECampo). Desde então, oferta uma área a cada ano: Ciências da Vida e da Natureza (CVN); Linguagens, Artes e Literatura (LAL); Ciências Sociais e Humanidades (CSH) e Matemática (MAT). Um de seus objetivos específicos consiste em habilitar professores para a docência em escolas do campo por áreas de conhecimento, priorizando iniciativas interdisciplinares. O curso funciona em regime de alternância de espaços e tempos. O Tempo Escola (TE) acontece presencialmente nos meses de janeiro e julho na FaE/UFMG e o Tempo Comunidade (TC) é realizado entre tais módulos nas comunidades onde vivem os/as licenciandos/as. O curso hoje conta com cinco turmas, totalizando 130 (cento e trinta) estudantes.

A fim de compreender alguns desafios e possibilidades do uso de tecnologias digitais a

partir de uma experiência de produção de narrativas audiovisuais realizada no âmbito do referido curso, analisamos material desenvolvido durante o Tempo Comunidade (agosto a dezembro/2016) referente a uma das disciplinas do curso, nomeada “Terra, Território, Territorialidade e Sustentabilidade no Campo Brasileiro” (90 horas/aula). As aulas presenciais foram ministradas no TE de julho/2016 por uma docente do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), subsetor de Geografia, acompanhada por dois monitores ao longo do semestre. Participaram duas turmas: Ciências da Vida e da Natureza (CVN/2013) e Ciências Sociais e Humanidades (CSH), respectivamente com 29 (vinte e nove) e 26 (vinte e seis) estudantes cada.

Através de instruções presenciais e online, feitas pela docente e/ou pelos monitores, solicitou-se que os/as futuros/as professores/as – individualmente, em duplas ou trios – produzissem narrativas audiovisuais envolvendo temáticas abordadas na disciplina, além de relatórios descritivo-analíticos relativos à experiência. Tal exercício deveria ser desenvolvido nos locais de moradia, trabalho e produção do cotidiano dos/as estudantes, tendo como base suas experiências enquanto sujeitos do campo.

Ao final, tivemos um total de 27 (vinte e sete) pequenos vídeos com duração de até 05 (cinco) minutos e seus respectivos relatórios produzidos por 45 (quarenta e cinco) graduando/as, que forneceram as devidas autorizações para a composição do *corpus* documental da pesquisa. O material foi sistematizado e categorizado para análise de seu conteúdo. Salienta-se que os vídeos foram parcialmente compartilhados na Mostra denominada “Terra, Território, Territorialidades: LECampo em telas” (janeiro/ 2017).

### Resultados e Discussão:

Os/as licenciandos/as expressaram de vinte e sete formas distintas, a partir de experiências individuais e/ou coletivas, a construção de leituras possíveis sobre seus territórios vividos. Esses sujeitos, em sua maioria, habitavam o Norte de Minas Gerais, seguido pelas regiões Central, Noroeste e Zona da Mata. Uma exceção consistiu em um trabalho elaborado por duas jovens educandas, que indicaram São Paulo/SP, Jenipapo de Minas/MG e Francisco Badaró/MG como locais de produção, ressaltando a dimensão da migração na vida da juventude do campo.

Do total, 13 (treze) trabalhos foram elaborados individualmente, 11 (onze) feitos em duplas e 03 (três) em trios. Pouco mais da metade dos trabalhos (52%), portanto, foi feita

de modo coletivo, sendo que 05 (cinco) atividades (19%) foram feitas de modo interdisciplinar (CSH, CVN e LAL/2014 – extrapolando as fronteiras da disciplina em questão). Sobre os temas/assuntos abordados, observou-se a centralidade das discussões sobre juventude (Escola Família Agrícola, manifestações culturais, migração, sucessão rural); territórios e territorialidades de comunidades tradicionais (Geraizeiros) e organicidade (movimentos sociais diversos, associações comunitárias, sindicatos), temas presentes em metade dos trabalhos.

Quanto aos limites encontrados, indicamos que o acesso aos equipamentos necessários para a elaboração da atividade não se apresentou como entrave para os/as licenciandos/as. Todos/as possuíam celulares e a maioria (mais de 80%) tinha computadores pessoais, o que expressa a chamada inclusão digital. Por outro lado, no entanto, os/as futuros/as docentes demonstraram dificuldades em função da qualidade dos equipamentos que possuíam e à conectividade dos mesmos – expressões da desigualdade digital no país, principalmente da chamada “nova exclusão digital” (Radfahrer, 2015). Assim, entraves concernentes à captura de imagens, vídeos e sons em função da capacidade técnica de sua aparelhagem foram relatados por alguns dos/as docentes em formação. Destacam-se, ainda, dificuldades de acesso a materiais audiovisuais que pudessem servir de inspiração e alguma referência para a criação de suas próprias obras, conforme apontado por alguns e algumas estudantes.

De modo ainda mais contundente e generalizado, os/as licenciandos/as indicaram a escassez ou ausência de formação para a utilização de tecnologias, especialmente no que tange a procedimentos um pouco mais sofisticados. Em seu relato, I.C.R., CVN/2013, aponta: “Meu desafio foi lidar melhor com esse tipo de produção... Esse foi o trabalho mais difícil para mim em toda a trajetória do curso até agora”. Para exemplificar, destacamos modos como conseguiram lidar com a edição dos vídeos. Observam-se 03 (três) situações distintas: a) estudantes que já possuíam domínio das tecnologias e, assim, elaboraram de modo autônomo seus próprios vídeos, b) educandos/as que possuíam algum domínio tecnológico e, para realizar a atividade de forma autônoma, buscaram algum aperfeiçoamento (tutoriais, pequenas aulas com outras pessoas etc.); c) licenciandos/as que, sem domínio expressivo dos recursos tecnológicos, buscaram auxílio de terceiros para a montagem dos vídeos a partir do material coletado e do roteiro elaborado. Entendemos que, especialmente

para o último grupo, embora aprendizagens de várias ordens tenham sido observadas na realização da atividade, lacunas importantes permaneceram em sua formação para a construção autônoma de seu fazer docente, aspecto que merece atenção. Castro (2010, p.12) aponta que “a formação docente precisa restituir ao educador a possibilidade de controlar seu trabalho, de construir seu saber, de buscar a função social da escola onde ele atua, de definir com que concepção de educação ele trabalha”.

De modo geral, entendemos que esses/as futuros/as docentes nos mostram o quanto precisamos avançar na formação de docentes do campo não apenas para a lida com recursos tecnológicos, no sentido de sua instrumentalização, mas na sua formação estética audiovisual mais ampla (Duarte e Alegria, 2008). Notamos que tal aspecto ainda é pouco explorado e mobilizado no âmbito de cursos de nível superior dessa natureza, como também constatou Castro (2010) – embora haja experiências exitosas, tais como da referida autora.

Destaca-se que, na disciplina em questão, não foi realizada formação específica para a produção das narrativas audiovisuais, uma vez que privilegiamos a realização de uma atividade de campo no Festival de Artes e Cultura da Reforma Agrária MST (Belo Horizonte, 20 a 24 de julho/2016), o qual nos pareceu uma oportunidade singular naquele período. Entendemos que tal aspecto precisa ser repensado em caso de reoferta da disciplina e, de modo mais amplo, na reestruturação curricular do curso, em diálogo com experiências outras, especialmente realizadas no Brasil (Castro, 2010; Munarim, 2014).

Dando continuidade, nota-se que, mesmo considerando que o trabalho com tecnologias digitais tenha consistido em um desafio relevante em sua trajetória acadêmica, os/as estudantes sinalizaram que suas potencialidades balizaram a superação dos limites apresentados pelo caminho, uma vez que tiveram como perspectiva a possibilidade de construção de outra Educação, possível e necessária, junto ao povo camponês. Neste sentido, foi possível perceber que o trabalho com tecnologias digitais constituiu-se como uma fecunda possibilidade de potencialização do diálogo do sujeito camponês com seu próprio cotidiano, no processo coletivo de produção dos territórios de realização da vida.

Neste sentido, observa-se que a construção de memórias de povos geralmente esquecidos pela historiografia e pelos livros didáticos - os “vencidos” da história (e da geografia) - também pode ser apreendida das

imagens, vozes e melodias presentes nos vídeos. Isto ficou evidente no relato de W.F.A., CVN/2013, de Jordânia/MG, que entrevistou um antigo morador de um Assentamento da Reforma Agrária situado ao lado da comunidade onde mora, mas que ele desconhecia de modo mais próximo. Nas palavras do estudante: “Trata-se de uma realidade ignorada e marginalizada. O audiovisual desse cotidiano aproxima e traz a oportunidade dos sujeitos dessa história contarem suas versões, desmentindo e sensibilizando aqueles do seu entorno a reconhecer quem são os verdadeiros marginais. São muitas as lutas nesse território. Exercendo sua territorialidade, é preciso lutar para conseguir ser dono da sua força de trabalho e não mais escravo do ‘senhor da casa-grande’. Trata-se de uma oportunidade de burlar o sistema, e o audiovisual vem dar voz pra quem antes apenas falava com os seus, mas agora traz à tona o que a maioria já escutou, mas nunca deu valor”.

Tais materiais demonstram que, através narrativas audiovisuais, os/as futuros/as educadores/as do campo mostraram-se capazes de fazer ecoar as vozes de seus pares, sujeitos historicamente tratados e socialmente nomeados como “marginalizados”. Assim, o material audiovisual pode ser compreendido como mais um aliado na luta pelo processo de construção de outro projeto de campo e de sociedade, de protagonismo de todos os sujeitos do campo, de seu direito a espaços e tempos de um “justo e digno viver” (Arroyo, p.33). É um instrumento de desconstrução das invisibilidades das lutas dos povos do campo e de fortalecimento dos coletivos para superação das contradições que se apresentam, atualmente, para o campo brasileiro.

De modo amplo, nota-se que o trabalho realizado possibilitou o fomento do uso da Tecnologia como “plataforma para a liberdade” dos povos historicamente explorados e subjugados no processo de construção sócio-histórica de nosso país, conforme apresentado pelo diretor Silvio Tandler em documentário sobre o geógrafo Milton Santos, que aponta ser muito mais fácil hoje ser universal aqui mesmo onde estamos. Atualmente, em função da popularização de aparatos tecnológicos, qualquer pessoa com uma curiosidade mais aguçada acaba percebendo e registrando como a realidade se constitui para além da fábula que a mídia, por exemplo, insiste em nos contar. Isto representa a conquista da liberdade intelectual do indivíduo e a libertação da alienação por parte dos povos mais isolados, que têm acesso à informação e podem produzi-la e publicá-la sem passar por intermediação. “Pela primeira vez podemos conviver com o futuro possível” (Encontro, 2006, Parte 05).

Nota-se que o exercício audiovisual trouxe para os/as estudantes a possibilidade de estranhamento de problemáticas que lhes pareciam ser bastante familiares. Visualizadas em ângulos diferentes, as mesmas puderam ser tensionadas e, de alguma maneira, ressignificadas por esses sujeitos. Em outras palavras, nota-se que os/as educandos/as aprofundaram sua integração às comunidades utilizando recursos tecnológicos. Enquanto enfrentavam dificuldades novas, também passavam por descobertas de uma realidade relativamente desconhecida até então, o que oportunizou a emergência de questões importantes para a reflexão.

Observou-se, ainda, que os exercícios audiovisuais se apresentaram como fecunda possibilidade de encontros geracionais na produção do conhecimento sobre a realidade local. Destaca-se que o curso de graduação em questão é constituído por um perfil de licenciandos/as cada vez mais jovens. Neste trabalho, alguns desses rapazes e moças buscaram entrevistar habitantes mais antigos de suas comunidades para elaborarem releituras sobre a constituição sócio-histórica dos territórios que habitam. Buscavam o passado para compreenderem delineamentos de seus territórios camponeses na atualidade.

Apontando outras questões, o trabalho mostra que os/as futuros/as docentes do campo reconhecem as potencialidades do trabalho pedagógico com tecnologias digitais nas escolas, a ser utilizado como recurso didático capaz de enriquecer as atividades propostas. Destacam as narrativas audiovisuais como peças fundamentais no desenvolvimento de experiências interdisciplinares nas escolas, especialmente no contexto de projetos pedagógicos que propõem aproximações com os territórios vividos pelos/as educandos/as, favorecendo a contextualização escolar das vivências do dia a dia dos/as estudantes.

Para finalizar, inspirados em Castro (2010, p.06), entendemos que ciberespaço e as possibilidades que emergem da mobilização das Tecnologias Digitais são possíveis interlocutores no processo de produção da sustentabilidade no campo, isto “sem que os sujeitos do campo tenham que abandonar seus lócus de vivência, estudo e produção para ir em busca destes conhecimentos”. Pensamos ser este o cerne dos desafios e possibilidades que aqui elencamos, aspecto que precisa ser melhor investigado a fim de ensaiarmos a superação de questões que, para nós, atualmente, se apresentam nesses contextos.

## Conclusões:

De modo amplo, compreendemos que as imagens e relatos produzidos pelos/as futuros/as professores/as do campo analisados revelam aquilo que é central na construção da Educação do Campo que queremos: a valorização do território camponês. Em outras palavras, seus vídeos e palavras nos dizem sobre a valorização dos sujeitos, individuais e coletivos que, com suas histórias em movimento nas telas, nos mostram suas práticas, vinculadas às suas culturas e identidades, na produção de seus territórios. O trabalho evidencia, ainda, a fecundidade dos trabalhos com tecnologias digitais produzidos nos processos de formação de educadores do campo, mesmo em contextos marcados pela “nova exclusão digital” e diante de escassa ou nula formação específica. É neste cenário que precisamos repensar a necessidade de avanços na formação desses sujeitos, a fim de seguirmos construindo a Educação do Campo que queremos.

## Referências bibliográficas

ARROYO, M.G.. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

CASTRO, W.. *A formação de educadores do campo para uso das tecnologias digitais na educação na LEdoC-UnB*. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Pernambuco: 2010. Disponível em: [goo.gl/4LcVPq](http://goo.gl/4LcVPq), Acesso em: 19 fev. 2017

DUARTE, R.; ALEGRIA, J.. *Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. Educação & Realidade, vol. 33, núm. 1, janeiro-junho. Porto Alegre: 2008, pp. 59-79

ENCONTRO com Milton Santos. Direção: Silvio Tendler. Rio de Janeiro: Caliban, 2006. 90 min. Disponível em: [goo.gl/iy8Dq3](http://goo.gl/iy8Dq3), Acesso em: 10 mar. 2017

MUNARIM, I.. *As tecnologias digitais nas escolas do campo: contextos, desafios e possibilidades*. 2014. 184f., Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014

RADFAHER, L. *A nova exclusão digital*. 2015. Disponível em: [goo.gl/NZw4Za](http://goo.gl/NZw4Za). Acesso em: mar. 2017